

O uso de conchas marinhas na Ínsua franciscana do século XV

João P. S. Cabral

Os manuscritos existentes nos arquivos e as crónicas franciscanas constituem fontes indispensáveis para o estudo da história dos conventos franciscanos em Portugal.

Ao estudarmos a *Historia Serafica* de Fr. Manoel da Esperança (tomo II, 1666) ficámos muito surpreendidos com a seguinte notícia referente ao convento da ilha da Ínsua: «*O marisco dos penedos, & a concha, de q. se fazia cal, tudo isto era tanto, que a vila de Caminha arrêdava a dita concha por preço cósideravel, & libertandoa ella pera os frades no anno de 1441 [...]*» (p. 460)

Com o intuito de obter mais informação, recorremos ao texto de Fr. Pedro de Jesus Maria José (*Chronica da Santa e Real Provincia da Immaculada Conceição de Portugal*, tomo I, 1760), bastante posterior e com uma descrição muito extensa sobre a história deste convento.

Efectivamente, Fr. Pedro transcreve (pp. 407-409) dois documentos do então Arquivo do Convento da Ínsua relacionados com as conchas da Ínsua.

O mais importante dos documentos, datado de 1 de Janeiro de 1441, descreve um acordo entre os franciscanos da Ínsua e a Câmara de Caminha sobre a recolha de conchas na Ínsua. Pela sua leitura, sabemos que em data anterior ao documento, a Câmara de Caminha terá lançado um imposto sobre as conchas que os franciscanos recolhiam na ilha. Os franciscanos protestam dizendo que desde que ocupavam a ilha (1392) «*algumas vezes sahia em ella alguma cuncha, que era necessaria, e compridoura*» aos frades e que esta concha «*nunca fora mettida em renda*». Perante o pedido insistente dos franciscanos, a Câmara prescinde do imposto sobre as conchas, podendo os franciscanos continuar a manter o uso exclusivo das conchas que apareciam na ilha.

No Arquivo Distrital de Braga encontrámos, não os manuscritos originais, mas transcrições dos documentos referidos por Fr. Pedro (F-8, MS 9), com caligrafia típica do século XVIII. A comparação destes documentos permitiu concluir que Fr. Pedro terá provavelmente transcrito a partir de manuscritos originais, entretanto desaparecidos.

O facto de este assunto ser referido por Fr. Esperança numa obra anterior às transcrições do ADB, do conteúdo dos documentos ser historicamente consistente, e destas crónicas franciscanas serem, em geral, factualmente correctas, levou-nos a admitir que se trata de documentos autênticos.

Tão aguda disputa sobre este recurso natural colocou-nos desde logo a hipótese interpretativa de que as conchas seriam muito importantes e muito abundantes. A importância resultaria da sua utilização como matéria-prima para o fabrico da cal, então ingrediente indispensável nas argamassas usadas na construção de edifícios. De salientar que o mosteiro da Ínsua sofreu uma

ampliação em 1471 e que o norte de país é muito pobre em calcário.

No intuito de confirmar a abundância de conchas na ilha, realizámos trabalho de campo em 2004 e 2010. Estimámos que as conchas mortas de moluscos marinhos ultrapassam hoje as 10 toneladas, constituindo a maior acumulação recente de conchas mortas de moluscos marinhos da costa continental portuguesa. Trata-se de um caso raro (ou único) do uso de conchas de moluscos para o fabrico de cal em Portugal.